

Investidores prometem manter linhas de crédito

Ministro da Fazenda falou para duas dúzias de executivos de grandes instituições financeiras em Nova York

PAULO SOTERO
Enviado especial

NOVA YORK — Com os investidores internacionais aliviados com o anúncio de que o Brasil poderá contar com US\$ 37 bilhões em créditos da comunidade financeira oficial em 1999, mas ainda inseguros quanto à capacidade de o País executar o duro programa de estabilização fiscal que negocia com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para conseguir o dinheiro, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, começou ontem em Nova York a missão externa mais importante e arriscada do governo desde a introdução do real, há mais de quatro anos.

Nos próximos oito dias, ele tentará convencer os donos do dinheiro, que fugiram dos mercados emergentes após a moratória parcial decretada pela Rússia, em agosto, a regressar ao Brasil. Em Nova York, Frankfurt, Paris e Londres, o chefe da equipe econômica terá de usar de todo o seu poder de persuasão para convencer os investidores a apostar novamente no Brasil. A resposta deles nas próximas semanas e meses determinará o sucesso ou o fracasso da política econômica que deu aos brasileiros o primeiro período prolongado de estabilidade de preços em mais de uma geração. O retorno dos fluxos permitirá ao governo reduzir as taxas de juros internas, acelerar a desvalorização do real sem alterar o atual regime cambial e reduzir o efeito inflacionário do ajuste, criando, ao mesmo tempo, apoio político para a reforma fiscal e tributária. Em outro cenário, o efeito dos juros elevados sobre a dívida pública tornará impossível a administração da política fiscal, a recessão se aprofundará e o Brasil cairá no buraco negro da crise que tragou algumas das economias mais prósperas da Ásia.

Seu primeiro compromisso, ontem, em Nova York — um almoço com duas dúzias de executivos de grandes instituições financeiras, no Links Club, organizado pelo Institute of International Finance, produziu o resultado desejado. “A resposta das instituições presentes foi positiva”, disse o vice-presidente do Citibank, William Rhodes. “Todos reagiram bem às apresentações feitas pelo ministro Malan e pelo (vice-diretor gerente do FMI, Stanley) Fischer e comprometeram-se a manter suas linhas de crédito interbancárias e comerciais ao Brasil”, informou o banqueiro.

Rhodes, que presidiu o comitê de bancos de renegociou a dívida externa brasileira após a crise da década passada, acrescentou que “a maioria das instituições” representadas no almoço “indicaram que aumentarão seus investimentos no Brasil à medida em que o programa (fiscal) brasileiro for criando raízes”.

Outros executivos do mercado financeiro também se mostraram mais confiantes. “Acho que a reticência do mercado em relação ao Brasil está diminuindo”, disse o diretor de Operações com Mercados



Malan: parte pública da campanha começa hoje

sil. “Os bancos não estão ansiosos para voltar”, disse Fred Bergstein, o diretor do Instituto de Economia Internacional, de Washington.

Arturo Porzecanski, economista-chefe para renda fixa do banco de investimentos ING Barings, disse que a percepção do mercado financeiro sobre o Brasil melhorou nas últimas semanas. O acordo com o FMI foi recebido de forma positiva, mas ele já estava no preço, o que explica a ausência da reação efusiva que provavelmente o governo brasileiro esperava e com a qual contava o Departamento do Tesouro

dos EUA, que também tem sua credibilidade em jogo na operação.

Segundo o economista, a pressão sobre os bancos brasileiros para quitar suas linhas de crédito comercial, por exemplo, que atingiu o auge no fim de setembro, início de outubro, diminuiu de forma considerável depois dos cortes de juros nos EUA e na Europa, do início do saneamento do sistema financeiro no Japão e do anúncio do programa de estabilização fiscal do Brasil.

“Mas para avançar, as autoridades terão de manter o foco das atenções firmemente em Brasília”, disse Porzecanski. O economista do ING calcula que o Brasil receberá pelo menos US\$ 20 bilhões em investimentos estrangeiros diretos em 99, mas prevê uma volta lenta das aplicações em bolsa e das linhas comerciais de crédito, a menos que surja um fato novo para acelerá-la.

“Será necessário um elemento de surpresa que não existiu no acordo com o FMI para produzir um impacto que leve a uma restauração mais rápida da confiança”, disse ele. Porzecanski acredita que o Congresso pode criar essa surpresa “na velocidade ou no grau de apoio com que aprovar as medidas”. O executivo

do ING Barings disse também que o presidente Fernando Henrique Cardoso poderia ajudar a criar o elemento surpresa se acelerasse o plano de reforma fiscal ou ampliasse o programa de privatizações.

Arminio Fraga, diretor do Soros Investment Fund, concorda que a chave está, em larga medida, nas mãos dos deputados e senadores brasileiros. “O programa com o FMI e o crédito dado ao Brasil aumentaram a confiança, mas ainda há um certo medo, por causa das más experiências passadas na execução da política fiscal”, disse ele. “O ministro Pedro Malan será bem recebido em Wall Street e a apresentação que fará aos investidores é muito importante, porque lhe dará uma oportunidade de transmitir a mesma convicção no sucesso do programa que exibiu quando o apresentou pela televisão, no Brasil, no fim de outubro”, disse Fraga.

DIMINUÍRAM AS PRESSÕES SOBRE OS BANCOS

OS BANCOS

Emergentes de um grande banco europeu em Nova York, que falou sob a condição de não ser identificado. “A bolsa tem subido de maneira consistente no Brasil, a saída de fluxos diminuiu e a

tendência é de estabilização, se não houver nenhuma má notícia no mercado internacional que espante os investidores.”

Malan passou o domingo em Washington, onde almoçou com o vice-diretor gerente do FMI, Stanley Fischer, e teve longa conversa telefônica com o subsecretário do Tesouro, Larry Summers. Ontem, acompanhado pelo presidente do Banco Central, Gustavo Franco, pelo secretário Internacional do Ministério da Fazenda, Marcos Caramuru, pelo diretor-executivo do Brasil no FMI, Murilo Portugal, o ministro também manteve encontros fechados com analistas de investimentos em Wall Street. A vice-diretora do departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo, Teresa Ter-Minassian, também participou das reuniões. O vice-diretor gerente do FMI, que apostou sua reputação profissional e a credibilidade da instituição que representa no êxito da operação de apoio ao Brasil, acompanhará Malan em seus contatos com os investidores nos centros financeiros da Europa. Hoje, o ministro da Fazenda inicia a parte pública de sua campanha pela volta dos fluxos de capitais privados ao País com uma palestra num dos salões do hotel Waldorf Astoria. À noite, depois de mais contatos com banqueiros, ele viaja para Frankfurt.

Malan disse ao *Estado* que está confiante em uma reação positiva dos investidores. Mas isso não é uma inevitabilidade. As notícias, editoriais e comentários do *Wall Street Journal* e do *Financial Times*, os dois principais jornais financeiros do mundo, sobre o acordo com o FMI deixaram patentes, ontem, a cautela com que muitos investidores continuam a ver o Bra-

MINISTRO DIZ ESTAR CONFIANTE NA BOA REAÇÃO

do ING Barings disse também que o presidente Fernando Henrique Cardoso poderia ajudar a criar o elemento surpresa se acelerasse o plano de reforma fiscal ou ampliasse o programa de privatizações.

Arminio Fraga, diretor do Soros Investment Fund, concorda que a chave está, em larga medida, nas mãos dos deputados e senadores brasileiros. “O programa com o FMI e o crédito dado ao Brasil aumentaram a confiança, mas ainda há um certo medo, por causa das más experiências passadas na execução da política fiscal”, disse ele. “O ministro Pedro Malan será bem recebido em Wall Street e a apresentação que fará aos investidores é muito importante, porque lhe dará uma oportunidade de transmitir a mesma convicção no sucesso do programa que exibiu quando o apresentou pela televisão, no Brasil, no fim de outubro”, disse Fraga.